

RESUMO - GT1: RACISMO E DEMOCRACIA EM DEBATE

**A FABRICAÇÃO DO INIMIGO URBANO: JUVENTUDE RUEIRA,  
CONTRACONDUTAS E OS LIMITES DA DEMOCRACIA METROPOLITANA**

*Danilo Tenório Quintino (danilo.dtq@ufpe.br)*

*Marcondes Dos Ramos Santos Filho (Marcondes.rsfilho@gmail.com)*

*Raphael Alves Melo (raphael.alvesmelo@ufpe.br)*

A intensificação das desigualdades sociais e a crise da representação política no cenário contemporâneo projetam as manifestações da juventude metropolitana como focos cruciais de análise da luta social. Uma parcela da juventude, denominada "rueira", materializa, em suas práticas e sociabilidade, um caráter fundamentalmente antisistêmico. Através de expressões como o pixo, os grupos de bate-bola, o funk (baile de corredor) e os skatistas, esses coletivos contestam a ordem hegemônica da cidade. Este trabalho tem por objetivo analisar como essas condutas culturais, ao apropriarem-se e reconfigurarem o espaço público, constituem uma micropolítica de resistência que desafia o status quo e critica a invisibilidade social imposta pelo ambiente urbano funcional. Argumenta-se que a reação repressiva e a consequente criminalização dessas práticas, observadas no Sul Global, configuram um processo de "fabricação do inimigo urbano". Este processo, por sua vez, expõe os limites de uma compreensão restrita da democracia, recorrendo a referenciais da criminologia crítica e da sociologia do imaginário para explorar as chaves conceituais da contraconduta, da estética periférica e da sociabilidade coletiva. O território da rua é transformado de mero espaço de trânsito em um palco político e cultural. O pixo emerge como uma tática radical

de contrainscrição, violando a estética da "fachada que defende o muro branco" e agindo como luta simbólica contra a ordem de classe e a invisibilidade social de seus autores. Sua crítica reside na imagem em si, transformando a invisibilidade em uma presença "indesejada, mas inegavelmente presente". De forma análoga, os skatistas desafiam a funcionalidade arquitetônica imposta. O ato de realizar manobras como o ollie sobre corrimãos e escadas ressignifica o mobiliário urbano e reivindica o Direito à Cidade para além das lógicas de consumo e trabalho, apesar do estigma de desordem e delinquência que lhes é frequentemente atribuído. Outros coletivos utilizam o corpo e o simbolismo mítico como eixo de resistência. Os grupos de funk (baile de corredor) constroem códigos, estéticas e territórios autônomos, configurando a sociabilidade do baile como um espaço de contestação da ordem moral. Já os grupos de bate-bola empregam objetos ambivalentes, como o bastão que move a bola/bexiga e o rojão, oscilando entre a alegoria e a arma em um "drible" subjetivo de sobrevivência que remete à dissimulação da capoeira, historicamente criminalizada. Tais ações revelam uma busca constante por uma "participação consciente" e uma sociedade diferente. A juventude "rueira" funciona como um barômetro da insatisfação e da exclusão social, manifestando-se em práticas que, embora não se enquadrem na política formal, carregam um potencial contestatório e antisistêmico. O estudo destas contracondutas é fundamental, pois oferece chaves analíticas para compreender como a resistência se manifesta onde a representação formal falha e como a cidade é continuamente reinventada pela ação de coletivos historicamente marginalizados. A visibilidade e o debate sobre estas práticas contribuem, portanto, para a reflexão sobre o fortalecimento da democracia em seu sentido mais amplo.

Palavras-chave: juventude; democracia; contraconduta; antisistêmico.